

Para roer a hecatombe dos cães



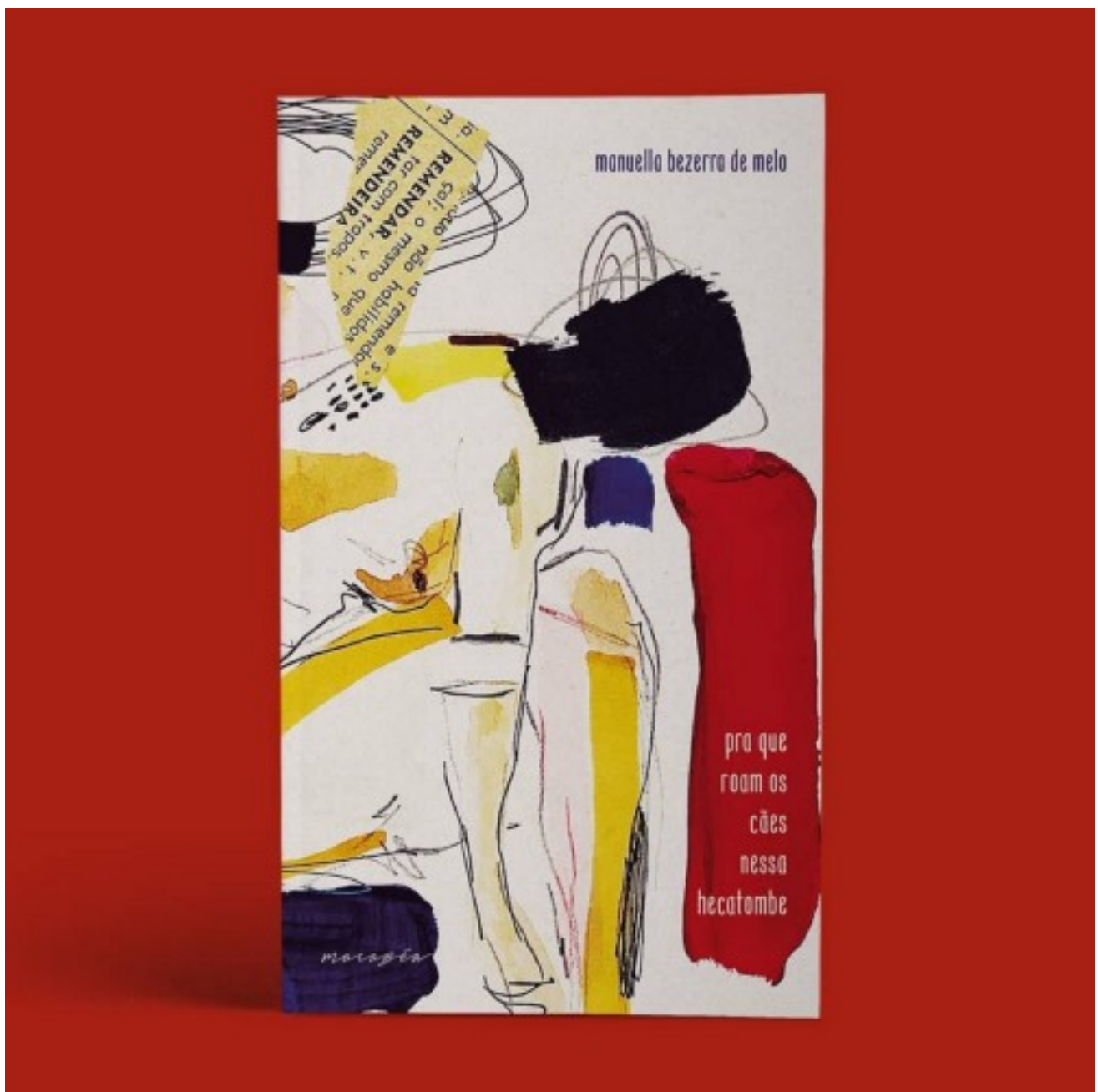
Ed Caliban

Jan 16 · 4 min read



Alexandre Pilati

escrita de Manuella Bezerra De Melo é de primeira linha, como poderá constatar quem a ler, esteja ou não habituado a ter contato com poesia. Seu livro mais recente, *pra que roam os cães nessa hecatombe* (Macabéa, 2020), é o registro de um lirismo de indignação que não transita por caminhos triviais. Tudo no livro é posto aos olhos de quem lê como que “em processo”, como energia viva que circula e contamina. É o que atesta já o título do volume, que, sendo extraído do último poema da obra, assombra pela coerência e a lucidez em relação ao objeto central do exercício de uma lírica para a qual um outro lema corporifica-se bem em verso deste mesmo último texto: “eu sei o nome do fim” (p.61)



pra que roam os cães nessa hecatombe também é valioso como objeto artístico, dada a qualidade do design e a presença do trabalho de Camilla Freitas a entremear as “etapas”

da obra. Divide-se o livro de Manuella em quatro partes, cada uma aberta por uma porta de alta significação poética. A primeira dessas etapas, abre-se pelo par “dedicatória e epígrafe”, e convida-nos a olhar para o corpo feminino que dará ressonância à voz que se imiscui visceralmente em cada recurso poético muito meditado. Diz a dedicatória: “às rugas na testa”; e complementa a epígrafe, com versos de Hilda Hilst: “E caio espatifada no poema”. As outras etapas do percurso a que o livro nos convida são abertas pelas ilustrações da Série *Remendar-se*, técnica mista sobre tela, de Camilla Freitas, as quais, sob a lógica da colagem, e do fragmento põem em evidência três conceitos-chave da poética de Manuella: “reminiscência”, “ponte” e “trocar”. Desses componentes básicos, a poeta extrai a energia que movimenta a alta voltagem política de sua poesia.

Essa energia encontra plenitude em certos tons barrocos, que produtivamente trazem para a forma dos poemas o desconforto de certas imagens e os contrastes lancinantes, que funcionam como uma espécie de convocação à tomada de partido de quem lê. É o que se enxerga no belo e terrível poema “me saltou à testa um nervo fisgado” (p.39), em que se lê “de indócil vassalo agora sou corpo frio/ em sangue ferido vazado à goela até/ a morte às vistas do meu algoz satisfeito”

Como se nota nesse exemplo, para a arquitetura bem desenhada da poética contribui um trabalho preciso com a sintaxe, que se exprime muitas vezes através de rupturas que desconcertam, associadas com a versificação habilmente construída, tudo resultando no ritmo necessário à figuração da tensão, que é a alma desse livro. A esse respeito, valerá recuperar um poema curto e justo, que está entre os mais sutis e bem acabados do livro: “mariposa amarela/ suicida na estrada atônita/ em busca de faróis/ extintos vagalumes/ esfacelada ninguém viu” (p. 17).

Nada nos poemas parece tranquilo e a beleza deles vem justamente da voz lírica assombrada consigo e sem sossego com o mundo, que tremula em cada palavra e busca refúgio no que poderíamos chamar de excertos poéticos do próprio corpo, notadamente os mais vitais: carne, ossos, sangue, língua... Pelos elementares do corpo, exala-se poeticamente a consciência de estar vivo e querer mais do que as puras dicotomias do mundo alienado: “todas as gotas de sangue despejadas/ veias dissecadas/ laços estreitos nessa ambivalência/ dor//zelo/ indiferença//afeto/ somente dois olhos fechados com/ a breve e tenra capacidade de/ dissolver no corpo o vento” (p.41). Apesar da dor, o necessário respirar: um ato de força. Ou, nas palavras da autora: “dá-me o que exijo/ ou não vivo pro teu desejo” (p.57). Aquele que aparece nos poemas de *pra que roam os cães nessa hecatombe* é um corpo com sua pulsão de vida e desejo atravessando a ruína e a ela resistindo, tentando, assim, transpor o tempo outonal que se configura na mais legítima representação do “oxigênio da época” que vivemos: “revigorar o dorso/ liquidar a

tristeza/ revertê-la em água e sal/ sobrar pro mundo”, um mundo que tal qual o da própria poeta, é “um mundo de dentes” (p.51)

Manuella Bezerra de Melo, então, exprime o sentido da consciência do processo de vida reificada, como uma espécie de ritual tenso entre as forças que levam ao sacrifício e o desejo de ser para muito além dos limites impostos pelo tempo arruinado. Daí o centro desse conjunto intenso de poemas ser a “hecatombe” citada no título. Lembremos que “hecatombe” quer dizer, num sentido trágico e antigo, o “sacrifício de cem bois”; já num sentido moderno, a palavra designa “mortandade, carnificina, grande desgraça”. Numa ambivalência que não cancela de todo nenhum dos dois campos semânticos a que alude a palavra, a “hecatombe” é, por um lado, narrada por dentro pela mulher que é a voz dos versos, cuja imagem máxima é a da “caríbdis no inox” (p.45); por outro lado é, também, contada sob um prisma geral capaz de generalizar o verso para, para dar a ver a destruição como conjuntura política do nosso tempo, cuja imagem ápice é “somos mesmo maltratados/ pelas verdades que falam os olhos/ na fila do caixa eletrônico” (p.61). Esta “hecatombe” geral, tão da autora quanto do mundo, desenha-se em sua poesia com o sangue dos que estão por baixo, mas são capazes de mover a história, como alertam os versos: “meu objeto é minha própria/ carne te serve quando quero/ mas é a mim que alimenta” (p.57)

Alexandre Pilati é professor de literatura brasileira da UnB, crítico literário e poeta. Autor, entre outros, de *Autofonia* (Penalux, 2018).

Poesia Manuella Bezerra Melo

[About](#) [Help](#) [Legal](#)

Get the Medium app

